Valor Econômico
Publicado em 02/03/2022 - 05:58

Rússia aumenta ataques em meio a sanções mais duras

Combates Após atraso no avanço militar, forças russas reforçam ataques de artilharia e mísseis na Ucrânia

Rússia amplia ataque a cidades e pede que civis deixem Kiev

GUERRA NA UCRÂNIA

Yaroslav Trofimov
Dow Jones Newswire, de Kiev

Frustradas na expectativa de uma invasão rápida da Ucrânia, as forças russas mudaram para uma nova estratégia, de atingir áreas civis, numa provável tentativa de desmoralizar a resistência ucraniana, para acelerar o avanço da ocupação militar russa.

Nenhum dos lados divulga um balanço oficial de mortes

O Ministério da Defesa da Rússia disse ontem que iria atacar instalações de inteligência e comunicações ucranianas no centro de Kiev e exortou as pessoas que vivem nas proximidades a deixarem o local para sua própria segurança.

Diplomatas ocidentais viram o aviso como um sinal de que um ataque maciço às áreas residenciais de Kiev era iminente. Alguns dos funcionários remanescentes nas embaixadas estrangeiras deixaram a capital da Ucrânia.

Uma câmera captou ontem um ataque de míssil à sede do governo da cidade de Kharkiv, na central Praça da Liberdade, às 8h (horário local). O edifício ficou bem danificado, e a praça, cheia de destroços. O serviço de emergência da Ucrânia disse que sete pessoas foram mortas e 24 ficaram feridas no ataque. Mais tarde, outros ataques aéreos russos atingiram bairros residenciais de Kharkiv, matando mais de 1dez civis, disseram autoridades locais.

"Um míssil visando a praça central de uma cidade é um terrorismo aberto e não dissimulado", disse o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, acrescentando que numerosas crianças haviam morrido em outros ataques. "É o terrorismo que visa nos quebrar, para quebrar nossa resistência".

O ataque veio no meio de sinais de que as forças militares russas estavam pausando seu avanço sobre Kiev, tendo encontrado uma série de obstáculos desde que entraram na Ucrânia. Uma autoridade de defesa dos EUA disse que o avanço russo parou por causa de escassez de alimentos e combustível, da resistência ucraniana e do movimento mais lento do que o esperado das tropas em direção a Kiev.

As forças russas "estão se reagrupando e tentando se ajustar aos desafios que tiveram", disse.

Um ataque aéreo à icônica torre de TV da capital, na tarde de ontem, matou cinco pessoas que estavam por perto e feriu outras cinco, disse o serviço de emergência. Também desativou temporariamente a transmissão dos principais canais de TV da Ucrânia, disse a autoridade de comunicações do país, que iria direcionar o sinal para outras antenas de transmissão.

Num discurso por vídeo ao Parlamento Europeu, Zelensky disse ontem que os ucranianos estavam morrendo em uma luta pela sobrevivência do país. "Estamos dando nossas vidas pelo direito de sermos iguais", disse ele, sem barba e vestindo uma camiseta verde do Exército. "Provem que vocês estão conosco e não vão nos abandonar."

O presidente Joe Biden falou ontem . Zelensky por mais de 30 minutos, disse a Casa Branca. Os dois líderes discutiram a assistência americana e aliada à Ucrânia e a escalada de ataques russos a locais utilizados por civis.

A invasão russa da Ucrânia, lançada há seis dias por Putin com o provável objetivo de derrubar o governo eleito do país e acabar com seu alinhamento com o Ocidente, vem fazendo progressos mais lentos do que a maioria dos analistas militares esperava.

As forças russas conseguiu ontem ocupar ocupar uma faixa de terra no sul da Ucrânia, incluindo a cidade de Kherson, além de avançarem no nordeste e noroeste.

Putin, que afirma que russos e ucranianos são o mesmo povo, inicialmente se absteve do tipo de bombardeio indiscriminado de áreas civis, que a Rússia usou para subjugar sua província rebelde da Chechênia, em 1999-2000. Isso mudou à medida que Moscou busca acelerar a ocupação.

Uma grande coluna de forças russas continuava se dirigindo para Kiev, vinda do noroeste do país, disseram autoridades dos EUA. Imagens de satélite mostraram um longo comboio de veículos indo em direção à Ucrânia.

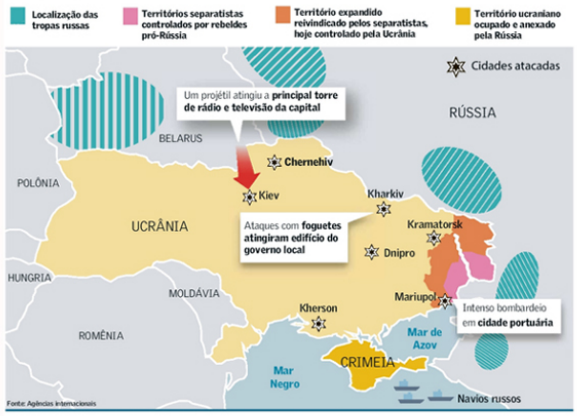
A inteligência militar britânica disse ontem que a Rússia ainda não conseguiu controlar o espaço aéreo da Ucrânia, levando as forças russas a priorizar ações noturnas, para reduzir as baixas. "O uso de artilharia pesada em áreas urbanas densamente povoadas aumenta muito o risco de baixas civis", disse a declaração britânica.

A Rússia enfrenta um crescente isolamento internacional, e seu sistema financeiro está sendo duramente atingido pelas sanções ocidentais impostas no fim de semana. O rublo despencou, e o banco central da Rússia mais do que dobrou sua taxa de juros, para 20%, numa tentativa de evitar uma corrida aos bancos e ao dólar.

AP PHOTO/PAVEL DOROGOY

Destroços na Praça da Liberdade, no centro de Kharkiv, segunda maior cidade da Ucrânia, após um ataque de míssil

Invasão russa
Bombardeios aéreos e por terra se alastram em várias cidades ucranianas



Falhas de inteligência prejudicam operação russa

Henry Foy e John Paul Rathbone
Financial Times, de Bruxelas e Londres

Na manhã de 26 de fevereiro, dois dias depois do início da invasão da Ucrânia pela Rússia, um artigo exultante no site da agência estatal russa RIA declarava: "A Ucrânia voltou para a Rússia."

A não ser, claro, pelo fato de que não, não voltara. Quando p artigo foi publicado, as forças russas — que tentaram fazer uma invasão e ocupação relâmpago de Kiev — lutavam para ganhar terreno diante de uma resistência ucraniana muito mais forte que a esperada. O artigo foi apagado logo depois, mas ainda é possível acessá-lo em arquivo de memória da internet.

Autoridades de defesa ocidentais dizem ver falhas de inteligência aparentes do Kremlin e falam de militares russos muito mal informados e superconfiantes, liderados por um presidente cuja atitude em relação à invasão pode ter sido distorcida por um círculo fechado de assessores aduladores.

Meia dúzia de autoridades ocidentais da área de inteligência disseram ao "Financial Times" que o desempenho das forças russas até agora indica que ou Moscou falhou em levantar informações corretas sobre a defesa da Ucrânia ou essas informações foram ignoradas pelo presidente Vladimir Putin e seus generais. Ou as duas coisas.

"Ele tende a se aferrar à sua opinião sobre a Ucrânia e duvido que alguém lhe diga a verdade", disse uma autoridade. "Sobre a Ucrânia ou sobre as forças armadas russas."

Os problemas da Rússia nos primeiros dias da invasão estavam relacionados à "falta de relatórios honestos de inteligência, uma relutância ou incapacidade de desafiar [a liderança] e falsos pressupostos sobre suas capacidades", segundo uma segunda autoridade.

Analistas citam a tentativa frustrada russa de tomar o aeroporto de Hostomel, em Kiev, no primeiro dia da invasão, como exemplo prático das falhas de inteligência: as forças aerotransportadas enviadas para tomar e manter a principal pista do aeroporto não foram grandes ou bem equipadas o suficiente para repelir o contra-ataque das forças especiais ucranianas.

Ontem havia indícios de que o deslocamento do foco para artilharia e bombardeio de áreas civis urbanas representava uma recalibração da estratégia da Rússia.

Uma forte explosão no centro de Kharkiv ontem destruiu a sede do governo municipal e encheu de escombros a Praça da Independência, onde fica o prédio. Autoridades ucranianas responsabilizaram mísseis russos pelo ataque. A assediada cidade de Mariupol, no Mar Negro, também estaria sob ataques aéreo e de foguetes russos.

Autoridades apontam para evidências cada vez mais fortes do isolamento de Putin até mesmo com relação a seus assessores mais importantes nos últimos meses.

Embora se considere há muito tempo que Putin mantém só um pequeno grupo de assessores em quem confia, ele reagiu à pandemia do coronavírus com uma limitação ainda maior de seu contato com pessoas de fora do Kremlin.

"É provável que o número de pessoas que integram o círculo de tomada de decisões nesse tipo de acontecimento seja muito pequeno", disse uma terceira autoridade.

As falhas de inteligência da Rússia parecem estar centradas em duas questões principais, de acordo com autoridades ocidentais.

A primeira se refere à avaliação da capacidade das forças armadas da Ucrânia e de seu estado em termos de treinamento, moral e equipamentos, desde a rápida captura da Crimeia pela Rússia, em 2014. E a segunda à resistência da sociedade ucraniana à invasão.

"Quando a Rússia planeja uma operação, faz um monte de cálculos algorítmicos sobre a proporção de força de que precisa para derrotar seus inimigos", disse um quarto especialista em defesa. "O índice que eles atribuem às próprias forças é uma informação confidencial, mas é óbvio que eles definiram [a capacidade de suas forças] como alta demais. Nas autocracias sempre há um incentivo para dizer aos comandantes — e isso inclui Putin — o que eles querem ouvir."

Putin parecia ainda esperar uma resposta diferente da população local a uma invasão que, na declaração de guerra na quinta-feira de manhã, ele chamou de um meio de "proteger pessoas que sofreram bullying e genocídio por parte do regime de Kiev por oito anos".

Em seu discurso, Putin se dirigiu aos militares ucranianos como "camaradas" de uma "pátria comum" e disse: "Apelo a vocês para que deponham suas armas imediatamente e voltem para casa."

Segundo uma análise do think-tank Royal United Services Institute, do Reino Unido — que alegou se basear em documentos "encomendados pela inteligência russa" — a "pesquisa pré-invasão do Kremlin sugeria que a Ucrânia era um local fértil para a subversão".

Essa suposição parece ter sido incorreta. Enquanto as emissoras de TV russas transmitem imagens de tanques russos saudados por ucranianos, autoridades em Kiev dizem que dezenas de milhares de civis pegaram em armas adquiridas pelo Estado para se juntar à defesa organizada pelas cidades.

"O FSB [espionagem russa] não é tão diferente da antiga KGB soviética. Eles não vão dizer aos líderes o que os líderes não querem ouvir", disse uma quinta autoridade ocidental, para quem o Ocidente também tem um histórico de erros de inteligência.

Tomada da capital é inevitável, diz pesquisador

Alessandra Saraiva
Do Rio

A tomada da capital ucraniana Kiev por tropas russas é "inevitável" na visão de Hussein Kalout, professor de relações internacionais, pesquisador da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e coordenador do Núcleo América do Sul do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri). Ontem, em "Live" do **Valor**, o especialista comentou que o líder russo Vladimir Putin já tinha essa guerra entre seu país e Ucrânia há muito planejada, e visualizou esse ano como o melhor momento para o ataque.

Para o professor, a diferença bélica entre Rússia e Ucrânia vai conferir o controle de Kiev aos russos em algum momento. No entanto, ele diz não visualizar por ora um quadro de guerra generalizada na Europa; ou de ataques nucleares em escala global. Mas faz um alerta: a situação no Leste Europeu e a ambivalência do Brasil ao tema faz com o que o país fique cada vez mais "vulnerável" no ambiente diplomático, que pode ameaçar ambição antiga de assento permanente em Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU).

Ele lembrou que, após o desmantelamento da antiga URSS na década de 1990, muitos países antes na esfera do bloco soviético, como Polônia e Hungria, entraram na esfera de influência da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). E que a entidade surgiu em contexto de outros países buscando maior proteção militar frente ao interesse expansionista soviético, e é nessa perspectiva, como oposicionista, que a Rússia até hoje enxerga a Otan.

Para o pesquisador, em 2014, quando houve a deposição do governo pró-Rússia na Ucrânia, "ali se abriu a tampa do bueiro" porque a movimentação da Ucrânia de se aproximar cada vez mais da Europa e do Ocidente foi entendida por Putin como uma interferência ocidental em um território que deveria ser de influência da Rússia – no caso, a Ucrânia.

E por essa lógica de Moscou, "a Rússia não tinha opção, na visão do Kremlin: ou toma a Ucrânia ou perde influência geopolítica", considerou o especialista. Por isso, no entendimento do pesquisador, o líder russo irá direcionar toda a sua força bélica para tomar Kiev, como tem feito até agora.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Especial **Caderno:** A **Pagina:** 2

Copyright © Clipclap 2025.